

Organizadores
Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes
Mairce da Silva Araújo
José Ricardo Carvalho

Leitura e Escrita

na Escola e na Formação Docente:

experiências, políticas e práticas



Organizadores
Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Mairce da Silva Araújo
José Ricardo Carvalho

Leitura e Escrita

na Escola e na Formação Docente: experiências, políticas e práticas

Este livro retoma o debate de temas que ainda se constituem como desafios dentro e fora do Brasil: leitura, escrita e formação docente. Os artigos que trazemos, escritos por autores brasileiros e estrangeiros, provocam inquietações e trazem propostas de natureza prática e política fundamentais, polemizando o tempo de crise. No contexto da América Latina, ensinar a ler e escrever pressupõe considerar a circularidade de saberes entre universidade e o cotidiano escolar, bem como as relações envolvidas entre ler, escrever e formar-se professor/a alfabetizador/a.



Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes
Mairce da Silva Araújo
José Ricardo Carvalho
(Organizadores)

LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA
E NA FORMAÇÃO DOCENTE:
experiências, políticas e práticas

EDITORA CRV
Curitiba – Brasil
2017

Copyright © da Editora CRV Ltda.
Editor-chefe: Railson Moura
Diagramação e Capa: Editora CRV
Arte da capa: Johannes Vermeer (Lady Writing a Letter with Her Maid – 1670-1671)

Revisão: Os Autores

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Andréia da Silva Quintanilha Sousa (UNIR)
Prof. Dr. Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)
Prof. Dr. Carlos Alberto Vilar Estêvão
- (Universidade do Minho, UMINHO, Portugal)
Prof. Dr. Carlos Federico Dominguez Avila (UNIEURO – DF)
Prof. Dr. Carmen Tereza Velanga (UNIR)
Prof. Dr. Celso Conti (UFSCar)
Prof. Dr. Cesar Gerónimo Tello
- (Universidad Nacional de Trés de Febrero – Argentina)
Prof. Dr. Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)
Prof. Dr. Élsio José Corá (Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS)
Prof. Dr. Gloria Fariñas León (Universidade de La Havana – Cuba)
Prof. Dr. Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)
Prof. Dr. Guillermo Arias Beatón (Universidade de La Havana – Cuba)

Prof. Dr. João Adalberto Campato Junior (FAP – SP)
Prof. Dr. Jailson Alves dos Santos (UFRJ)
Prof. Dr. Leonel Severo Rocha (UNISINOS)
Prof. Dr. Lourdes Helena da Silva (UFV)
Prof. Dr. Josania Portela (UFPI)
Prof. Dr. Maria de Lourdes Pinto de Almeida (UNICAMP)
Prof. Dr. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)
Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL – MG)
Prof. Dr. Rodrigo Pratte-Santos (UFES)
Prof. Dr. Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)
Prof. Dr. Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)
Prof. Dr. Sydione Santos (UEPG PR)
Prof. Dr. Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)
Prof. Dr. Tania Suelly Azevedo Brasileiro (UFOPA)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
CATALOGAÇÃO NA FONTE

L525

Leitura e escrita na escola e na formação docente: experiências políticas e práticas. / Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes, Mairce da Silva Araújo, José Ricardo Carvalho (organizadores). – Curitiba: CRV, 2017.
338 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-444-1294-7

1. Educação 2. Leitura - escrita 3. Formação docente I. Moraes, Jacqueline de Fátima dos Santos. org. II. Araújo, Mairce da Silva. org. III. Carvalho, José Ricardo. org. IV. Título V. Série.

CDD 372.414

Índice para catálogo sistemático

1. Educação 370

2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela:

Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418

www.editoracrv.com.br

E-mail: sac@editoracrv.com.br

APRESENTAÇÃO

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco (LARROSA, 2004, p. 21).

Há algum tempo nos habitava o desejo de organizarmos um livro que retomasse o debate de temas que ainda se constituem como desafios e que vêm atravessando desde muito tempo nossas vidas, resultando projetos de pesquisas e ações extensionistas. São eles: leitura, escrita e formação docente. A razão de serem temas que ainda provocam inquietações, gerando práticas e políticas de diferentes naturezas, não pode ser compreendida à distância do que significam no contexto da *nuestra* América Latina. Ensinar e aprender a ler e escrever não são questões resolvidas em país algum de nosso continente. A gravidade de tal situação se torna mais clara quando analisamos certos dados estatísticos do campo educativo. Mesmo com a reserva que merecem e a desconfiança que geram, podem nos ajudar a compreender o quanto temos falhado na garantia do direito social à leitura e escritura da palavra e, portanto, à leitura crítica e transformadora do mundo, como sempre pregou Paulo Freire.

Um desses dados pode ser encontrado no âmbito da UNESCO. Esta instituição tem apontado que no conjunto de países que conformam o chamado “novo mundo”, há 73 milhões de analfabetos funcionais. Não são poucos, portanto. Deste contingente humano, nada menos que 36 milhões podem ser classificados como analfabetos absolutos. Se mirarmos para o nosso entorno, encontraremos um total de 14 milhões. Ou seja: 38,5% deste contingente populacional latino americano analfabeto, vive em cidades brasileiras. São nossos vizinhos, parentes, amigos ou, ao menos, conhecidos.

Tais dados, levantados entre 2005 e 2011, e que constam do relatório *Educação Para Todos* divulgado pela “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”, nos alertam que não podemos cerrar os olhos. Este livro, portanto, representa não apenas um compromisso ético e político em não nos deixar acomodar na cegueira que muitas vezes se apodera de nós mas também significa uma contribuição ao campo da educação, a formação docente e aos estudos da leitura e escrita.

Como Larrosa, não somos indiferentes ao poder das palavras. Apostamos na força da leitura, na potência da escrita e no vigor da formação docente. Sabemos, por outro lado, que os dados estatísticos apresentados acima nos contam uma parte da história da escola, mas há outras narrativas a serem conhecidas. Histórias que visibilizam possibilidades, potências e vontades

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
<i>Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes</i>	
<i>José Ricardo Carvalho</i>	
<i>Mairce da Silva Araújo</i>	

1º EIXO **LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA**

“É ASSIM: QUANDO EU BRINCO DE ESCRIVER, ESCREVER É BRINCAR” as crianças e o seu languagear	19
<i>Carmen Lucia Vidal Perez</i>	
<i>Monica Ledo Silvestri</i>	

ENTRE MÚLTIPLAS ALFABETIZAÇÕES, PRÁTICAS ALFABETIZADORAS E REFLEXÕES DOCENTES	37
<i>Maria Fernanda Pereira Buciano</i>	
<i>Guilherme do Val Toledo Prado</i>	
<i>Ítala Nair Tomei Rizzo</i>	

MOVIMENTOS DE APRENDER E ENSINAR NO COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL	59
<i>Cristiana Callai de Souza</i>	

LA ALFABETIZACIÓN INICIAL: de la Risa a la Prisa.....	75
<i>Angélica Jiménez Robles</i>	

DIÁLOGOS INTERCULTURAIS ESCOLA/COMUNIDADE: repercussões no processo de alfabetização das crianças das classes populares.....	93
<i>Mairce da Silva Araújo</i>	
<i>Nádia Cristina de Lima Rodrigues</i>	

2º EIXO **LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

AS NARRATIVAS DE SI E OS ATELIÊS BIOGRÁFICOS: ressignificando os sentidos da alfabetização em ambientes (auto) formativos.....	113
<i>Eliane Greice Davanço Nogueira</i>	
<i>Sandra Novais Sousa</i>	

FORMAÇÃO COMO MOVIMENTO ALTERITÁRIO135
Marisol Barenco de Mello
Jader Jáner Moreira Lopes

ESCRITA NA FORMAÇÃO INICIAL: partilha e atenção ao outro157
Laura Noemi Chaluh

ALFABETIZAÇÃO NA TEIA DA SIGNIFICAÇÃO
EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES181
Iara Maria Campelo Lima

HABLAR, LEER, ESCRIBIR, SENTIR, IMAGINAR. LA
NECESIDAD DE CREAR UNA NARRATIVA DESDE LA
CULTURA ESCRITA Y EL SER MAESTRA/O EN PROCESOS
DE FORMACIÓN DOCENTE.....197
Jorge Alberto Chona Portillo

DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA EM PROCESSOS
FORMATIVOS DE PROFESSORES/AS DAS INFÂNCIAS
E DE JOVENS E ADULTOS.....213
Maria Tereza Goudard Tavares
Marcia Soares de Alvarenga

A EXPERIÊNCIA DA FORMAÇÃO PARA ALFABETIZAR.....231
Rosaura Soligo
Guilherme do Val Toledo Prado

3º EIXO

LEITURA E ESCRITA: Outras Experiências, Políticas e Práticas

ALFABETIZAR: uma prática pensada.....253
Mitsi Pinheiro de Lacerda Leite

PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: sentidos produzidos
sobre a implementação de projetos oficiais nas escolas cariocas275
Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes
Aline Gomes da Silva

ALTERIDADE, DIFERENÇA E SINGULARIDADE: notas
para pensar uma alfabetização como experiência.....291
Tiago Ribeiro
Carmen Sanches Sampaio
Ana Paula Venâncio

AUTORIA ENTRE VOCES305
Sarah Corona Berkin

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR-NARRADOR
DE TEXTOS FICCIONAIS EM ATIVIDADES REALIZADAS
NO PROJETO PIBID317
José Ricardo Carvalho

SOBRE OS AUTORES331

AUTORÍA ENTRE VOCES

Sarah Corona Berkin

El eje que define el proyecto educativo *entre voces* tiene que ver con la forma de enunciar lo propio y desde el lugar propio. Nuestro esfuerzo se ha materializado en ciertas pautas metodológicas que han resultado en productos editoriales así como investigativos que son realizados en conjunto por un grupo de educadores indígenas *wixáritari*⁶² y un grupo de profesores mestizos de la Universidad de Guadalajara. *Entre voces* nombra una visión de la indigenidad desde los indígenas y una occidentalidad desde los mestizos. Ambas visiones buscan dialogar sobre un mismo tema y mostrar al interlocutor y los conflictos que se generan entre ambas visiones educativas. Los espacios elegidos entre ambos grupos han sido varios proyectos editoriales: un libro de texto para el curso de cultura huichol donde se ponen a prueba métodos de enseñanza de la memoria y la escritura (2002), un libro de fotografías de sí mismos (2002), una asamblea que generó reflexión teórica al respecto (2007) y recientemente, a partir de un viaje de los jóvenes huicholes de Tatutsi Maxakwaxi⁶³ a la ciudad de Guadalajara (2009), una guía turística a 3 voces (2011) y un libro de fotos de la ciudad realizado entre voces (2011).

Planteo la expresión “entre voces” para referirme a la producción de libros educativos, en lugar de “multicultural” o “intercultural” por la diferencia que implica la preposición “entre” al lado del vocablo “voces”. “Entre voces” es una propuesta educativa donde el lenguaje tiene una presencia medular en las “voces”; y donde la preposición “entre” admite el conflicto que genera la diversidad de voces. No comulgo con el prefijo “inter” de intercultural ya que éste presupone una relación tejida, compartida, que generalmente es confeccionada desde el poder. “Entre voces” parte de la presencia de los otros muchos que somos y de la necesidad de educar para la convivencia de todos los diferentes, en el espacio público. Explicaré los puntos de partida, los supuestos en los que se ancla y los espacios en los que desea incidir. Finalmente hablaré de la *autoría entre voces* como ejemplo y como una forma de síntesis de esta propuesta comunicativa.

62 El trabajo horizontal de investigación y de producción de material didáctico se lleva a cabo desde 1997 con la comunidad huichola -o wixárika en su propia lengua-, uno de los 64 pueblos indígenas de México que conservan su propia lengua y cultura. Se usará indistintamente el término huichol y wixárika o wixáritari en plural, ya que ambas formas son correctas y aceptadas por la comunidad.

63 La primera secundaria huichola, llamada Tatutsi Maxakwaxi, fue fundada en el año de 1995 y se encuentra en San Miguel Huaixtita, en la Sierra Huichola de Jalisco. El plan de estudios consiste en las materias oficiales de la Secretaría de Educación Pública y materias consideradas pertinentes por la comunidad huichola. Entre otras particularidades, se enseña a leer y escribir en su lengua y se estudia su propia cultura.

La educación de los distintos (que todos somos) para la vida en el espacio público parte del lenguaje

Inspirada en Hanna Arendt y Paulo Freire, y en el Maestro Ignorante, obra escrita en el siglo XVIII y que forma parte de la obra política de Jacques Rancière, mi argumento es que la diferencia – que no es algo con lo que se nace –, es un efecto de enunciación que conlleva jerarquía y relaciones asimétricas de poder. El lenguaje aquí es fundamental. Nombrar la diferencia y por lo tanto etiquetarla, caracterizándola por rasgos biológicos o culturales, convierte en naturales las relaciones desiguales. En otras palabras, no se discrimina por ser diferente, sino que la discriminación construye las diferencias y les otorga un valor. No se discrimina al indígena por ser diferente, más bien porque se le discrimina, se le nombra una identidad, donde indígena significa premoderno, infantil, irracional. En otro campo, tampoco se discrimina al homosexual por sus preferencias, sino porque homosexual es marca de antinatural y perverso. Por lo tanto, las diferencias llamadas culturales, deben ser historizadas, el origen de las diferencias – su jerarquía y poder – debe ser develado y por lo tanto el conflicto entre los muchos diversos debe constituirse como el centro de la reflexión. Las diferencias deben ser concebidas relacionamente (los “diferentes” con relación a los “no diferentes”, los “diversos” frente a los “normales”) y no como categorías independientes y naturales, diferencias culturales o raciales, ajenas a los sistemas de enunciación.

El ejemplo de las fronteras viene al caso en este lugar. Baricco argumenta que la Gran Muralla China se construyó para distinguir a los civilizados de los bárbaros, no para defenderse de ellos ya que dicha muralla fue lejos de ser infalible. El Muro de la frontera entre EUA y México realiza la misma función: separa con claridad los que son los civilizados de los incivilizados del sur. Se demuestra todos los días que a pesar de su altura y longitud, no detiene la migración ilegal, pero sí nombra y etiqueta con claridad a los que son legítimos y a los que son ilegítimos. La educación intercultural cuando propone educar a los diferentes erige divisiones; cuando promueve el respeto a los “distintos” construye fronteras entre los que saben y los que no saben. La diferencia por lo tanto, no es esencia; no se nace distinto, con una identidad que lo diferencia valorativamente de los demás.

Por otro lado, pensar relacionamente las diferencias implica que no se suprima el conflicto, que afloren las voces y que se nombren en relación. Es por esto que propongo algo distinto. Si se arroja a los jóvenes al mundo con un discurso de tolerancia y democracia, pero sin recursos para comunicarse con el otro, la enseñanza de la interculturalidad puede convertirse en

el aprendizaje de una simple retórica moral, de un discurso políticamente correcto, pero culpable de la incomunicación y de los fracasos para llegar a acuerdos con los otros que todos somos.

Frente a los enfoques interculturales, donde los grupos sociales “distintos” se conciben como anteriores a la discriminación, aquí partimos de que es precisamente la discriminación en la enunciación misma, la que construye a “los que son como uno” y también al “otro”, al diferente. Argumentamos que no es sólo asunto de ser respetuosos con la diferencia, porque con el concepto mismo de “otro” se construyen los opuestos: bueno/malo, racional/cosmogónico, normal/anormal. Las diferencias discriminatorias se construyen en los procesos repetitivos de nombrar la diversidad y de oponerla a las normalidades. Dar voz al otro, al oprimido, al sin voz, es repetir, aunque con buenas intenciones, la relación entre el otro y el normal en una relación deshistorizada, aséptica y sin conflicto.

Aunque se podría hablar de la horizontalidad en los procesos de construcción del material educativo, de las formas de participación de los distintos, de los materiales, medios y técnicas de producción *entre voces*, en este lugar hablaré únicamente de la *Autoría*, proceso visible y tangible en muchos ámbitos sociales como los medios de comunicación, la fotografía turística, etnográfica y de arte y los libros de texto. En la propuesta *entre voces* hemos tenido que reflexionar al respecto y buscamos poner en evidencia su importancia.

La autoría entre voces como criterio del diálogo

La *autoría entre voces* supone horizontalidad desde el momento de construir el propósito del estudio. Como primer momento, el *conflicto generador* provoca el diálogo que produce la investigación conjunta. En el encuentro, al aproximarse al mundo del otro a la vez que el otro se inscribe en la esfera de sentido del investigador, se construye la comunicación entre ambos. La autoría de la investigación empieza así a realizarse a varias voces.

Aquí vale la pena referirse a lo que Foucault llama la “función de autor” refiriéndose a la inexistencia de una figura de autor en el sentido de creador original. En la cultura occidental el autor se posiciona como dueño de la obra, pero los llamados autores construyen las obras a partir de un lenguaje aprendido que implica los alcances de su conocimiento. El autor es siempre “colectivo” en el sentido que sus ideas reconocen un momento histórico que determina y hace posible su discurso. Los huicholes comprenden esta paradoja y se cuestionan y se oponen por lo tanto a la autoría individual.

En la autoría *entre voces*, diálogo significa exhibir lo propio sin que medie el paternalismo y la tolerancia de un autor intermediario. También significa que lo propio es siempre frente a otro. En una obra de este tipo, ¿qué significa ser autor? Responder a esta pregunta nos arroja conocimiento sobre nuestra cultura occidental y sobre el conflicto que genera en un proyecto de educación *entre voces*. A continuación tres preguntas para comprender la autoría *entre voces*: ¿Cómo se nombra el autor? ¿Cómo hace suyo el contenido? ¿De qué forma le otorga sentido?

1. ¿Cómo se nombra el autor?

En Nuestro libro de la memoria y la escritura, mientras el profesor huichol Agustín Salvador dictaba sus clases de cultura huichol, yo intervenía al proponer ejercicios pedagógicos para transmitir la cultura de la escritura; los créditos parecían obvios: Texto: Agustín Salvador; Estrategia pedagógica: Sarah Corona.

Sin embargo, durante la presentación de esta obra en la comunidad de origen del profesor, frente a invitados académicos y autoridades tradicionales, fuimos testigos del juicio que se hizo al autor huichol por firmar con su nombre una obra que era considerada producto de lo que había aprendido en su cultura. Se le acusaba de intentar hacerse rico vendiendo lo que a la comunidad le pertenecía. El conflicto se resolvió con la aclaración de que nadie se hacía rico escribiendo libros y que toda ganancia que generara el libro sería para fomentar la educación de los jóvenes de la comunidad. El nombre en la portada le causó al profesor Agustín contrariedades entre los suyos, a mí me dio puntos en el escalafón universitario.

El nombre del autor no pasa por desapercibido en la portada de un libro o los créditos de una película o una exposición fotográfica. En la cultura occidental el autor se posiciona como dueño de la obra, gana dinero, prestigio o reconocimiento como creador pero también es un artesano que "acomoda las palabras" y los saberes de su contexto en una obra. En el contexto de los huicholes, se comprende esta paradoja y se cuestiona y se opone por lo tanto a la autoría individual.

2. ¿El autor cómo hace suyo el contenido?

Como ejemplo, una de las clases del profesor Agustín sobre la presencia de los franciscanos en la sierra huichola y el acompañamiento pedagógico en torno a la escritura. A la manera propia empieza:

¿Ustedes saben por qué hay templos en todos los pueblos?
[...] Un señor de San Sebastián me contó la historia completa de cómo se habían ido los franciscanos. Dijo que cuando las mujeres iban al agua, un franciscano que vivía allí las violaba y no las respetaba aunque tuvieran marido. Esta fue una de las razones por las que los huicholes los expulsaron. Otra razón es porque fueron expulsados los jesuitas y los franciscanos se fueron con ellos. Los franciscanos no se fueron por su gusto. Es muy importante que ustedes vigilen a todos los extraños que se acerquen ofreciendo religiones porque puede suceder otra vez lo que pasó en esa época.

En el caso de los profesores huicholes, el conocimiento se construye a partir de lo que su comunidad les ha transmitido y ese conocimiento será avalado por la misma comunidad: son los conocedores, los marakames, las autoridades tradicionales y morales de la comunidad quienes determinarán si lo expresado en la obra es o no es verdadero. Para el wixárika, lo que valida su palabra es su comunidad, puesto que entienden que es sobre su comunidad de lo que hablan. El autor wixárika narra lo que sabe, lo que ha oído, lo que conoce. No da fechas, ni hace referencias, ni cita otras fuentes escritas. La comunidad le ha permitido hablar en su nombre y eso asegura su relevancia.

La propuesta pedagógica occidental hace referencia al mundo de la escritura. Para el autor occidental, lo que escribe es suyo siempre y cuando lo valide frente a una comunidad académica. Debe probar conocimiento y autonomía. Citar, dar crédito a quienes lo anteceden, señalar la bibliografía utilizada, ubicarse en el estado de la cuestión, en el conocimiento del género discursivo, etc. son reglas que el lector occidental espera encontrar. En el caso de no respetar estas reglas, el autor será señalado como plagario. El autor es aval del texto, de la veracidad de lo que se dice y de las fuentes que lo determinan; demuestra que sabe "construir" una obra.

De esta manera la propuesta pedagógica occidental de la escritura que acompaña la clase del profesor Agustín dice así:

Realiza un ensayo.

Investiga con los mayores, en libros, en documentos e infórmate sobre las diferentes versiones de los hechos narrados en clase. Detecta los aspectos políticos e históricos que influyeron en los acontecimientos. Reflexiona sobre los comportamientos humanos, sus consecuencias, la disponibilidad de rectificar (CORONA; SALVADOR, 2002, p.105).

En ningún caso el autor es el creador iluminado de la obra. Sabemos que el autor es un "sujeto social" que expresa lo que su situación individual, social e histórica le permite. Se sabe también que no se conoce recogiendo datos de la realidad y que son los marcos de referencia que el autor posee, los que determinan lo visible, lo investigable, lo pensable, lo producible. Son diferentes las formas de hacer suyos los contenidos de una obra.

El Seminario de la Biblioteca. Durante mis visitas a la escuela huichola, pude observar la necesidad de material escrito para que los jóvenes pudieran practicar la lectura en su propia lengua⁶⁴. Mi compromiso para enseñar la lectura y escritura, y "el correcto acomodo de las palabras" en los textos políticos, me dejó ver la importancia de construir libros distintos. Para que fueran leídos por los jóvenes huicholes, tendrían que contener los puntos de vista de su comunidad y de la sociedad mayoritaria mestiza. Estos libros debían ser leídos por los jóvenes mestizos también. El que los libros bosquejen las dos miradas podría flexibilizar las posiciones de los lectores frente a las verdades únicas, la hegemonía de los saberes occidentales y el enfoque educativo nacional.

Aclaro que la Biblioteca en ningún caso pretendió conformarse a la propuesta multicultural donde se sugiere hacer libros para visibilizar al otro. La propuesta, replicada por muchos de los libros que circulan hoy en México y en el mundo para integrar al otro al estado nacional, se sintetiza en el recuento de Susan Wolf: "es importante que los niños afroamericanos, asiáticoamericanos y otros pueden encontrar en la biblioteca libros que expresan e ilustran las tradiciones y leyendas con las que están más íntimamente relacionados, así como libros en que el aspecto de los personajes y el modo en que hablan es semejante al suyo y al de sus padres y abuelos" (WOLF en TAYLOR, 1993, p.117).

Para los indígenas en México también se hacen libros "interculturales" que contienen leyendas y textos míticos que los describen como folklóricos y premodernos, y con los que de ninguna manera se identifican. A estas formas discursivas los indígenas refutan: "no es conocer cómo hacían nuestros abuelos las trampas para cazar nutrias lo que nos interesa, es saber cómo funciona la ciudad... los conocimientos que se necesitan para llegar

64 Los libros para huicholes son educativos con el objetivo de alfabetizar para integrar a la población indígena al estado nacional o bien son catecismos y biblias con intereses similares. Sólo existen 55 títulos para huicholes publicados entre 1906 y el 2012 y casi la totalidad pertenecen a este género. Ver: CORONA, S. "Libros para huicholes. Integración, exclusión, emancipación", *Comunicación y Sociedad*, n. 19, julio-diciembre. 2012.

a la universidad."⁶⁵ O en palabras de Samuel Salvador: "en 300 años de escuelas de misioneros en la Sierra, no tenemos un solo médico, arquitecto o abogado"⁶⁶.

De esta manera propuse crear una colección de libros en la que los temas de interés educativo manifestado por los adultos de la comunidad y discutidos con los jóvenes receptores, fueran escritos por un grupo de educadores huicholes y mestizos. Participaron maestros de la secundaria y madres de familia huicholes, así como editores y especialistas mestizos occidentales en los temas. El resultado son textos que a diferencia de otros ya existentes no sólo consisten en ser bilingües (como los varios que se han publicado a partir del modelo oficial para afrontar la interculturalidad), sino que son textos creados a partir del diálogo entre educadores de las culturas involucradas: la huichola-indígena y la moderna-occidental. Durante el *Seminario de la Biblioteca*, que se organizó para realizar los textos, los participantes huicholes y mestizos discutieron desde sus lugares, los mismos temas. Los resultados son libros que dialogan frente a temas que desde los títulos muestran una mirada distinta: El trabajo/¿En qué puedo trabajar?; El valor de la belleza/Sentir la belleza; Vivir con justicia/Vivir juntos; ¿Cómo curarnos?/ Salud; Historias mexicanas /¿Qué es México?. La primera parte de cada frase es el título occidental, la segunda es la indígena.

Las dinámicas que se dieron en la construcción de los textos variaron según el tema, tipo de planteamiento y expectativas de ambos autores. Me interesa mencionar que dichas dinámicas se concretaron en cuatro estrategias distintas o tipologías de encuentro⁶⁷.

1. *Texto monológico a partir de la imposición de una voz.* Uno de los participantes del diálogo, de alguna u otra forma, impuso su discurso en el nuevo texto a crear, convirtiendo este texto en otra versión del texto monológico y hegemónico. Según los casos, la imposición de una sola voz se dio desde los indígenas o los occidentales.
2. *Doble texto modificado por la presencia del otro.* La creación de dos textos, cada uno hecho desde los referentes culturales de sus autores, con pequeños eslabones entre uno y otro. Estos eslabones

65 Intervención de Horacio Gómez Lara frente a la propuesta oficial durante el "Encuentro Pueblos y Fronteras", en San Cristóbal de las Casas (mayo 26-27, 2011).

66 Intervención del Ilder comunitario Samuel Salvador durante la visita del Secretario de Educación Pública a la Sierra Huichola en el 2001 para anunciar el permiso que se otorgaría a los frailes franciscanos para abrir una nueva escuela indígena en el territorio huichol. Los huicholes habían expulsado de su territorio las escuelas franciscanas en 1995 y no estaban dispuestos a aceptarlas de nuevo.

67 La tipología de encuentros se desarrolla en Sarah Corona Berkin y otras voces (2007), *Entre Voces... Fragmentos de educación entrecultural*.

surgieron como puntos para el diálogo. Puntos que no bastaron para sostener un tercer texto, sino que apenas permitieron compartir ciertos puntos de interés.

3. *Un sólo texto de tipo dialógico* que remite a otros dos textos a través de intertextos. Es decir, la creación de un texto dialógico, pero que hace referencia a esos dos textos: el huichol y el mestizo.
4. *Dos textos monológicos sin intento de diálogo*. Es decir, dos textos sin interconexión alguna. Varios textos siguieron esta dinámica en la que se discutió a partir de dos textos totalmente distintos y sin referentes dialógicos. Sólo la traducción de estos textos a la otra lengua sería el ejercicio intercultural. Su contenido, no.

Como se puede observar, estas cuatro dinámicas-estrategias de encuentro imponen cuatro tipos de dialogicidad distinta. Para empezar, se nota la presencia de un elemento disuelto en los textos: el elemento de la disputa entre las voces culturales que hablan a través de él. Es pues desde el conflicto desde donde se aborda la construcción de la Biblioteca para jóvenes huicholes y mestizos.

Construir entre voces o ver con los otros nos aleja de las formas estandarizadas de concebir al otro. Esta condición del trabajo de investigación también generó pautas teórico metodológicas.

3. ¿De qué forma le otorga sentido el autor a la obra?

El significado de la obra se dará finalmente entre el texto y la lectura. Pero algunas veces se busca en el autor la respuesta a las incertidumbres propias de la obra. En estos casos en la cultura escrita, la crítica, las reseñas y las presentaciones, cumplen su papel descifrador. Sin embargo se espera que la obra escrita o en imágenes diga lo necesario para que el lector lo entienda. En la oralidad, las aclaraciones y adaptaciones se hacen a medida que avanza la narración. Siempre en vivo, la historia se construye y modifica según su auditorio.

En Nuestro libro de la memoria y la escritura, el profesor Agustín responde a sus detractores occidentales que no comprenden del todo el significado de sus textos. Explica que sus textos son únicamente notas que él, oralmente en clase o frente a su audiencia irá profundizando, completando, desarrollando, problematizando. Con la ayuda de los alumnos y con el paso del tiempo, sus relatos se completarán más allá de lo publicado.

En Postales de la diferencia. Fotografías huicholas de la ciudad, presentamos las fotografías tomadas de los jóvenes en su primer viaje a una ciudad, con sus textos que dilatan el significado de las imágenes. Además un texto mío

que recoge la experiencia y la cara que los jóvenes me devuelven en las fotos que hacen de nuestra realidad urbana. En este caso hemos buscado integrar la mayor cantidad de voces en un mismo texto con el objeto de mostrar cómo cada quien desea ser visto y cómo ve al otro. En esta obra, entre voces, nos miramos unos a otros y nos dejamos ver los otros que todos somos.

En una publicación entre voces, se exponen todas las voces posibles. Pues es frente a otro que se construye el discurso, si no encontramos explícita esa otra voz, conocemos sólo parcialmente lo que las voces hablan. En Entre voces... Fragmentos de educación entre-cultural, se buscó que ambas voces se publicaran de forma equitativa. De esta manera ambas visiones aparecen en ambas lenguas. El color de la página distingue la visión occidental y la visión wirárika. Ambas páginas dialogan sobre un mismo tema. En cuanto a la autoría, en el caso de Entre voces... Fragmentos de educación entre-cultural, se discutió con los participantes y se expresó de la siguiente manera: Los profesores universitarios, autores especialistas en su tema, firmaron con su nombre cada capítulo, los profesores huicholes, conocedores avalados por su comunidad, firmaron "voz wixaritari de Tatutsi Maxakwaxi"⁶⁸. De esta forma se resolvió el problema de la honestidad de los autores en cada uno de sus ámbitos discursivos.

La propuesta autoral *entre voces* se resume de la siguiente manera:

1. En entre voces, no sólo se expresa la voz propia desde un autor colectivo indígena, sino también se expresa la voz propia de un autor colectivo occidental. Sobre los mismos temas se "escuchan" ambas voces en relación y conflicto. Ambas autorías se reconocen, expresadas desde su propio lugar.
2. En las distintas propuestas *entre voces*, se busca que las múltiples voces aparezcan, que no se oculte ninguna; que sea visible la voz hegemónica porque en los casos en los que se pasa el micrófono, se presta la cámara o el teclado y se hace como si no existiera el "facilitador", no se comprende precisamente la relación entre los distintos, las distintas voces frente a la educación.
3. Cuando todas las voces están presentes en un contexto de horizontalidad enunciativa, como interlocutores que definen el discurso y son definidos por el discurso del otro, nos acercamos al objetivo político de entre voces: la convivencia en el espacio público.

La voz wixaritari consiste en el conjunto de los 10 maestros de la Secundaria Tatutsi Maxakwaxi: 'Awiekame (Feliciano Díaz Sotero), Haiyira (Agustín Salvador Martínez), Hakaima (Viviana Ortiz Enrique), Matsiwima (Graciela Ortiz Sotero), Muwieritemai (Eduardo Madera de la Cruz), Turiniwe (Everardo de la Cruz Ramírez), 'Utsiekame (Carlos Salvador Díaz), Wamatsika (Fermín Santibáñez Madera), Itiama (Apolonia de la Cruz Ramírez), Hriywi (Ceferino Carrillo Díaz).

Este género dialógico que llamamos *entre voces* no existe como tal. Sin embargo, sin estar completamente resuelto⁶⁹, se va formulando entre los textos múltiples que se producen en el proceso de la investigación y el diálogo con otros materiales como las fotografías, los mapas, los dibujos, las cartas, los videos y el diseño editorial. La forma, el contenido y las características horizontales del proceso determinan lo que la autoría y el producto terminado expresa.

⁶⁹ Una discusión más amplia al respecto se puede consultar en Pérez-Daniel (2012).

REFERÊNCIAS

- ARENDT, H. "La crisis de la educación" In: **Entre el pasado y el futuro**. Barcelona, Península, 1996.
- BARICCO, A. **Los bárbaros. Ensayo sobre la mutación**, Anagrama, Barcelona, 2009.
- CORONA, Berkin S. **Miradas Entrevistas. Aproximación a la cultura, comunicación y fotografía huichola**, Universidad de Guadalajara/CONACYT, Méxco, 2002.
- CORONA, Berkin S. **Miradas entrevistas. Álbum de fotografía wixarika**, (ed. Bilingüe para niños), Universidad de Guadalajara/CONACYT/SEP, México, 2003.
- CORONA, Berkin S.; SALVADOR MARTÍNEZ, A. **Nuestro libro de la memoria y la escritura. Apuntes para la enseñanza de la cultura wixarika**. Universidad de Guadalajara, México, 2002.
- CORONA, Berkin S.; otras voces. **Entre voces... Fragmentos de educación "entrecultural"**, Sarah Corona Berkin, Universidad de Guadalajara, México, 2007.
- CORONA, Berkin S. **Postales de la diferencia. Fotografías wixáritari de la ciudad**, Conaculta/Culturas Populares 2011.
- CORONA, Berkin S.; KALTMEIER, O. (Coord.). **En diálogo: Métodos horizontales para las Ciencias Sociales y Culturales**, Gedisa, Barcelona, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**, Continium, Nueva York, 1970.
- PÉREZ-DANIEL, R. "Entre voces: una metodología horizontal de autoría para el estudio de la comunicación intercultural" In: CORONA, Berkin S.; KALTMEIER, O. (Coord.) **En diálogo: Métodos horizontales para las Ciencias Sociales y Culturales**, Gedisa, Barcelona, 2012.

RANCIÈRE, J. *El maestro ignorante. Cinco lecciones sobre la emancipación intelectual*, Zarzal, Argentina, 2007.

TAYLOR, Ch. *El multiculturalismo y la política del reconocimiento*, FCE, México, 1993.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR-NARRADOR DE TEXTOS FICCIONAIS EM ATIVIDADES REALIZADAS NO PROJETO PIBID

José Ricardo Carvalho

A narração, letramento e oralidade

Para falar de alfabetização torna-se necessário se remeter ao desejo de ler e ao desejo de aprender sobre as coisas existentes do mundo. Um dos caminhos para o aluno se sentir atraído pelo texto escrito seria a contação de história, aproveitando aí todos os recursos advindos da oralidade. Sabemos que a aproximação inicial das crianças com os textos literários encontra-se vinculada a contação de história realizada por uma pessoa da família, professores e artista que interagem em praças e espaços públicos. Neste sentido, a narração oral alicerça uma grande ponte entre as práticas sociais desenvolvidas na cultura oral e na cultura letrada.

Podemos então estabelecer uma diferença entre narrativa e narração. Narrativa expressa uma organização de fatos estabelecidos em uma dada sequência vivida por personagens situados em um tempo e espaço definidos, caracterizando, assim, um enredo narrativo. Todavia, a ação narradora não se constitui apenas de seu conteúdo mais formal, como prega a visão do senso comum, pois ela transcende o domínio da estrutura, entrando para o campo da construção da subjetividade humana:

A narração oral é fundamental para a formação do sujeito. Ela sempre foi reconhecida pelo valor da rememoração; dessa forma, é através da palavra que o passado é resgatado do seu esquecimento e do silêncio. Quem não honra seu passado não tem futuro. Essa é a essência da vida consciente. Vida capaz de articular tempos e lugares, entre passado e futuro de forma convincente, em que recebemos a direção e a orientação quanto a nosso lugar no tempo (CRUZ, 2007, p. 32-33, grifo meu).

Neste sentido, a estrutura narrativa não pode ser confundida com a narração, visto que a segunda corresponde a um processo mais amplo, envolvendo a relação interacional entre os sujeitos. Narrar é suspender o tempo

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Joaquim Onésimo Ferreira. **Narrativas orais: performance e memória.** Dissertação de Mestrado. Manaus: UFAM, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: _____. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política.** Ensaaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Experiência e pobreza.** In: _____. **Obras escolhidas I: Magia e técnica. Arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRENNAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CRUZ, Ricardo Souza. **Walter Benjamin: o valor da narração e o papel do justo.** Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (Dissertação de Mestrado), 2007.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Editora Ática, 2004.

KRAMER, Sônia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola.** São Paulo: Ática, 1994.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WEITZEL, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular.** Juiz de Fora: UFJF, 1995.

ZILBERMAN, Regina. **Memória entre oralidade e escrita.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v.41, n.3, p. 117-132, setembro/2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval.** Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRE OS AUTORES

Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na graduação e no Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Procientista/FAPERJ e Jovem Cientista FAPERJ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: História(s), Memória(s) e Formação de Professores (UERJ).

José Ricardo Carvalho

Doutor em Estudos Linguísticos e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Líder e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização, Discursos e Aprendizagens (GEADAS).

Mairce da Silva Araújo

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Procientista/Faperj atua na graduação e no Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: História(s), Memória(s) e Formação de Professores (UERJ).

Aline Gomes da Silva

Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Pedagoga. Professora do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (CAP/INES).

Ana Paula Venâncio

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Professora do Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro e integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa: Formação de Escritores e Leitores (GEFEL/ISERJ) e da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad).

Angélica Jiménez Robles

Doutora em Educação. Mestrado em Literatura. Professora da Universidad Pedagógica Nacional (095) México, coordenadora do Curso de Pós-graduação em “Animación Sociocultural de la lengua”.

Carmen Lucia Vidal Perez

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF. Coordenadora do GEPEMC – Grupo de Estudos e Pesquisas Escola, Memória e Cotidiano.

Carmen Sanches Sampaio

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora Associada da Escola de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Integrante da Rede de Formação Docente: narrativas e experiências (Rede Formad) e da Red Latinoamerica de Estudios sobre Trabajo Docente (Red Estrado). Coordena o subprojeto de Educação Infantil/PIBID/UNIRIO.

Cristiana Callai de Souza

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora Adjunta na Universidade Federal Fluminense, professora do curso de pedagogia no INFES/Santo Antônio de Pádua, trabalha com as disciplinas Infância e Cultura e Escola da Infância. Realiza pesquisa com crianças no cotidiano escolar da Educação Infantil.

Eliane Greice Davanço Nogueira

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – no curso de Pedagogia, em Campo Grande/MS e do Mestrado em Educação na Unidade de Campo Grande e na Unidade de Paranaíba. Líder do grupo de estudo e pesquisa em narrativas formativas, GEPENAF.

Guilherme do Val Toledo Prado

Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestre em Educação. Pedagogo. Coordenador do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, professor e pesquisador da Faculdade de Educação da Unicamp.

Iara Maria Campelo Lima

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe – UFS e Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Inclusão escolar da pessoa com deficiência –NUPIEPED –UFS – CNPq.

Ítala Nair Tomei Rizzo

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Pedagoga. Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Ensino de Campinas.

Jader Jáner Moreira Lopes

Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF e Pesquisadores no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI (CNPq/UFF-UFJF).

Jorge Alberto Chona Portillo

Doutor em Educação pela Universidade UNAN. Mestre em Ciências Antropológicas. Docente e Investigador na Universidad Pedagógica Nacional e na Benemérita Escuela Nacional de Maestros, no México. Um viajante pela literatura e narrativa para a investigação no campo da educação.

Laura Noemi Chaluh

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP–Campus de Rio Claro). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Linguagens, Experiência e Formação.

Marcia Soares de Alvarenga

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, atua na graduação e no Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Procientista/FAPERJ. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: História(s), Memória(s) e Formação de Professores.

Maria Fernanda Pereira Buciano

Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Pedagoga. Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Ensino de Campinas.

Maria Tereza Goudard Tavares

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na graduação e no Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da UERJ, pesquisadora do GT de Educação popular da ANPED. Procientista/FAPERJ e Jovem Cientista FAPERJ. Líder do diretório de Pesquisa Vozes da Educação: Memória, História e Formação de Professores.

Marisol Barenco de Mello

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF e Pesquisadores no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI (CNPq/UFF-UFJF).

Mitsi Pinheiro de Lacerda Leite

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de São Paulo – USP. Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UFF). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cotidianos.

Monica Ledo Silvestri

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professora da Faculdade de Educação (FEUFF) da Universidade Federal Fluminense. Coordena o Laboratório de brinquedos, jogos e brincadeiras – LAB, na FEUFF.

Nádia Cristina de Lima Rodrigues

Mestranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades

sociais. Professora da rede estadual de ensino do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Federal Fluminense e em Gestão Educacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Rosaura Soligo

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestre em Educação. Formada em Psicologia e Pedagogia. Pesquisadora do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, com experiência em alfabetização, formação, produção de material didático e vídeos educativos.

Sandra Novais Sousa

Mestranda do Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS; especialista em Alfabetização pelo IESF (2007). Professora alfabetizadora da Rede Estadual e Municipal de ensino em Campo Grande – MS. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas, GEPENAF.

Sarah Corona Berkin

Doutora em Educação. Doutora em Comunicação pela Universidad Católica de Lovaina, Bélgica. Professora da Universidad de Guadalajara (UDG), México.

Tiago Ribeiro

Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

**Jacqueline de Fátima dos
Santos Moraes**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas UNICAMP. Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atua na graduação no Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Procientista/ FAPERJ. Jovem Cientista FAPERJ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: História(s), Memória(s) e Formação de Professores (UERJ).

José Ricardo Carvalho

Doutor em Estudos Linguísticos e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Líder e pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Alfabetização, Discursos e Aprendizagens (GEADAS).

Mairce da Silva Araújo

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professora Associada da Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Procientista/Faperj atua na graduação e no Mestrado em Educação: processos formativos e desigualdades sociais. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: História(s), Memória(s) e Formação de Professores (UERJ).



SOBRE O LIVRO

Tiragem: 1000

Formato: 16 x 23 cm

Mancha: 12 X 19 cm

Tipologia: Times New Roman 11,5/12/16/18

Arial 7,5/8/9

Papel: Pólen 80 g (miolo)

Royal Supremo 250 g (capa)

Leitura e Escrita

na Escola e na Formação Docente:

experiências, políticas e práticas

Esta publicação traz a leitura e a escrita implicadas em uma outra perspectiva de formação docente, que não a prescritiva, a normativa, e a dogmática. Nessa concepção, ler e escrever são compreendidos como direitos que exigem de cada pessoa atos comprometidos. Para tal, uma polifonia de vozes entra em diálogo na composição do livro "Leitura e Escrita na Escola e na Formação Docente: Experiências, Políticas e Práticas", abrangendo diferentes contextos e realidades, estendendo-se por vários estados e cidades brasileiras - Rio de Janeiro: São Gonçalo, Niterói, Santo Antônio de Pádua; São Paulo: Campinas, Rio Claro; Mato Grosso do Sul: Dourados; Sergipe: Itabaiana, Aracaju. Atravessando a fronteira encontramos na capital do México e na cidade de Guadalajara outros interlocutores para alimentar nossos diálogos e preocupações em torno das temáticas da alfabetização e da formação docente. Os artigos que compõem este livro, de diferentes perspectivas e pressupostos, promovem reflexões sobre os desafios da formação docente, considerando o papel da universidade e do cotidiano escolar como espaços de produção e apropriação da leitura e da escrita. Essa discussão se configura para além do domínio técnico da lecto-escritura, apostando numa dinâmica complexa para compreender as relações envolvidas entre ler, escrever e formar-se professor/a alfabetizador/a.

